

Uma Carta Pedagógica a Paulo Freire, para MIM, para NÓS, @s Compãheir@s que insistem em esperar o mundo

Rosane Oliveira Duarte Zimmer, Café com Paulo Freire canoas/RS¹

Resumo:

Paulo Freire escreveu muitas cartas (Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo; Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar; Cartas a Cristina, entre outras), para matar as saudades da família, dos(as) amigos(as), do Brasil, e para tecer sua teoria. E agora somos nós do Café Paulo Freire que te escrevemos.

Palavras-chave:

Paulo Freire. Carta Pedagógica. Café de Canoas.

Café com Paulo Freire Canoas (RS), meses de 'implexidades'², 2021

Ao começar a escrever para TI, para NÓS, para MIM, foi impossível deixar de assinalar o quanto estamos a te ilustrar.

São tempos complexos. Tempos que envolvem impotência e resistência, luta e resiliência. Tempos de fragilidade. Tempos que exigem reAção.

Nossa fragilidade tem se colocado à prova, quer pela ciência de nossa transparência, pelos impactos das imagens que se refletem³, quer pela ciência de que a vida é bem mais perene do que imaginávamos.

Na verdade, nos parece vivência em um mundo ilusório, gravado em algum roteiro de ficção. Reflexões a cada dia são seguidas da indagação: Como chegamos a tal ponto? Por quê? Onde nos perdemos?

Paulo Freire, tua teoria, memórias, palavras e peleja têm sido nossa instância de lucidez e alento, permitindo acreditar que nada está posto e que a história é feita de reconversões.

¹Professora aposentada da rede estadual do Rio Grande do Sul e professora da ESCOOP e PUCRS. Pedagoga e especialista em supervisão escolar pela UNILASALLE, mestre e doutora em educação pela PUCRS. Graduanda em Letras/Literatura. Membro do conselho fiscal da ASSERS 2021-2023. rosaneodzimmer2@gmail.com

² Um neologismo (criação de palavras) da autora. Do adjetivo 'implexo' que significa confuso, complicado. Tem origem no latim *implexu* (entrelaçado, confuso), do particípio passado de *implectāre*.

³ Por 'imagens que se refletem' é uma analogia aos espelhos, às outras pessoas dos modos como manifestamos.

Vivemos em um estado de pandemia – ou como já estende, um estado sindemia – e a crise sanitária escracha o que sempre denunciastes: é preciso atentar para a negação do valor humano, do projeto de humanidade que estamos e precisamos laborar.

A vida humana e sua utilização como mercadoria, como provisão descartável, é cada vez mais expressa pelo modelo capitalista sacrificial (BROWN)⁴, adotado de modo recursivo, em nosso País. Vivemos uma crise de valores, de ascensão antidemocrática, de banalidades, de indiferença, de miséria humana. Trabalhar, comprar e consumir – uma tríade que insiste em afetar a nossa existência. Um parâmetro que se reverbera nas narrativas políticas e empresariais contra o pacto de existência coletiva e solidária.

Negligenciar a saúde, a vida e a condição humana tem sido uma constante no contexto atual, e, com isso, um modo torpe, negligente e perverso vem à tona, desvelando nossa feiura⁵, aquilo que estava submerso nos rizomas de nossa contemporaneidade⁶.

São muitos os infortúnios.

Mesmo reconhecendo que o mundo de hoje não é, necessariamente, pior ou melhor, e que muito de nossos desafios nos acompanham e persistem, desde os modos de domesticações, é difícil a distinção de que estamos assentados em ciclicidades.

Mas não queremos aqui apenas aludir em torno dos desatinos de nossa efêmera passagem pelo mundo. Entre pandemias e pandemônios, andarilhamos o acalento da reAção – não a abandonamos –, e ela insiste como nossa principal inspiração pela coerência e eticidade à vida.

Por isso, esperamos, alimentamos nossa luta pelo valor humano a cada encontro, junto a um coletivo singular. Um coletivo que desde 2019 é reconhecido como Café com Paulo Freire Canoas. Somos um coletivo de pessoas que provocadas por teu legado reÚne leituras, sonhos e sapiências, na constante busca por um outro mundo, um pouco menos feio.

Entre denúncias e anúncios, cada Café é regado pelo saber de experiência feito, pelo benquerer e pela crença de que é possível restaurar o projeto humano que nos inspira: a democratização da cidadania.

⁴ BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial, neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. Trad. Juliane Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

⁵ De quem é feio, de feiume. Compreensão da autora por atitudes que nos torna, enquanto humanidade, uma humanidade feia.

⁶ Aquilo que ficou guardado, escondido, mas vivo e que em tempos contemporâneos brota e se mostra.

Essa nossa crença reside na responsabilidade da ‘com-vivência’ com outros, outras, outres e outr@s. É fundeada na negação da negligência a tal cuidado. Nossa crença, ainda, é que essa ‘com-vivência’ é um ato amoroso e, também, brígão, como nos dirias, por uma educação pautada pela decência da vida e não por sua mera estatística.

Nossos Cafés, aos sábados, são ressignificados, valorosos para cada um@ nós, pois no ato singular de compartilharmos a esperança, reafirmamos nosso sonho possível e necessário de uma educação, que para além de ser resguardada de um projeto medíocre e mesquinho, precisa ser compreendida como possibilidade e contraponto ao que estamos vivendo.

Por tais incursões, estimulamo-nos por teu legado, por nossas ‘palavrAções’, por minha labuta. Em nossos Cafés, encontramos TU, NÓS e EU, encontramos modos de ‘sobreViver’, de pensar o presente e arquitetar o futuro.

Salutos
e de CASA, Rosane